

Marco Aurélio Werle
Universidade de São Paulo

O grito de Laocoonte e a dor de Filoctetes

Pretende-se fazer alguns apontamentos sobre a interpretação que a estética alemã do século XVIII realizou do grupo escultórico do Laocoonte e da peça teatral Filoctetes de Sófocles. Foi Winckelmann que, em seu ensaio Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura (1755), ao especificar o ideal da arte antiga, que se condensa na fórmula da “nobre simplicidade e grandeza serena”, realizou pela primeira vez uma comparação entre o Laocoonte e o Filoctetes, desencadeando assim uma discussão que se estenderia por décadas na Alemanha. Participaram dela, entre outros, Lessing, Herder e Goethe. Lessing, no Laocoonte ou os limites da poesia e da pintura, de 1766, e Herder, no Primeiro bosque crítico, tomaram essas considerações para pensar os limites, as diferenças e as especificidades da pintura e da poesia, na relação com o corpo, as ações e a energia poética. Para Herder, ao comparar a poesia constantemente com as artes figurativas ou plásticas, Lessing perde o foco propriamente subjetivo e interior de funcionamento da poesia. O tópico dos “limites” ou do *ut pictura poesis* fez com que a poesia fosse negligenciada em seu modo de procedimento mais próprio. Esse assunto é longamente discutido por meio de uma análise da peça Filoctetes, de Sófocles, a qual Lessing procura compreender pelo motivo da dor corporal do herói grego abandonado numa ilha. Para Herder, porém, uma obra literária jamais pode ser compreendida suficientemente por meio de um “motivo” isolado. Por fim, Goethe, em sua juventude, conforme relata em Poesia e verdade, procurou resolver “de si para si” a questão de saber se Laocoonte grita ou não grita. Mas tarde, no ensaio Laocoonte, interpretou o grupo escultórico por meio da relação entre arte e natureza.